

COMPREENENDO O CIÚME NA RELAÇÃO CONJUGAL: UM OLHAR SISTÊMICO

Marine Cortellini Turatti*
Michele Gaboardi Lucas**

RESUMO

No presente artigo visou-se compreender o ciúme na relação conjugal por meio de um estudo de caso com base na Teoria Sistêmica. Essa abordagem considera que o sistema em que o indivíduo está inserido influencia no comportamento de seus membros. Dessa forma, a família é um sistema no qual os membros se influenciam mutuamente. Os dados para análise foram coletados mediante os 17 atendimentos realizados com um casal. A queixa principal era o ciúme excessivo da esposa que estava contribuindo para uma relação problemática. A análise dos dados foi por meio da análise de conteúdo com base nos conceitos da abordagem sistêmica. Os dados analisados permitiram um melhor entendimento do conflito conjugal influenciado pelo ciúme, possibilitando uma compreensão da interferência da família nesse contexto. Palavras-chave: Abordagem sistêmica. Relação conjugal. Ciúme.

1 INTRODUÇÃO

De forma sutil ou avassaladora o ciúme é um sentimento presente nas relações amorosas e não é de hoje que isso acontece. No senso comum fala-se que “quem ama cuida”, mas deve-se sempre considerar que tudo que é demais também não é saudável. Por esse fato, o ciúme relaciona-se mais à insegurança do que a uma demonstração de amor. No entanto, a ausência desse sentimento também evidencia que algo não vai bem na relação.

O ciúme transforma-se em um problema na relação quando o casal passa a não ter mais uma relação saudável e os conflitos, por vezes, tornam-se prejudiciais para a qualidade desse relacionamento. Nesse sentido, quando o casal não consegue encontrar formas de enfrentamento para lidar de maneira adequada com a situação, a terapia de casal se torna importante para a melhora da qualidade dessa relação.

Dessa forma, no presente artigo visa-se compreender o ciúme na relação conjugal por meio da terapia de casal sistêmica. Essa abordagem possibilita uma compreensão referente às relações que se estabelecem com outras pessoas e o sistema em que se está inserido, considerando que dentro desse sistema um membro influencia o outro. Com isso, a compreensão desse tema torna-se relevante, uma vez que o ciúme, quando de maneira excessiva, é uma ameaça ao relacionamento, bem como à saúde dos indivíduos envolvidos. Além disso, o presente artigo poderá trazer subsídios para se trabalhar com esse tema na terapia de casal.

2 TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA

Inicialmente é importante identificar o conceito de família. Por mais que atualmente a família venha sofrendo modificações na sua estrutura, falando-se em família na contemporaneidade, ela ainda dispõe do mesmo conceito. Para Osório e Valle (2011), a família tem a função de transmitir valores éticos, estéticos, religiosos e culturais. Ela é a primeira “instituição” pela qual o indivíduo passa. É nela que se obtêm os primeiros conhecimentos da vida, como comer, falar, andar e outros aprendizados que passam de geração em geração. Segundo Krom (2000), é nesses aprendizados que se vivem os processos psicológicos vistos pela psicologia como importantes para construção do *self*.

Para a linha teórica sistêmica, existem as famílias funcionais e as disfuncionais. Para Souza (2005), as funcionais são aquelas famílias que quando se deparam com um problema conseguem encontrar meios para administrá-los. Já as

* Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; marine.psi@hotmail.com

** Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Professora na Universidade do Oeste de Santa Catarina; opmichele@hotmail.com

disfuncionais, “[...] são aquelas presas a padrões ineficazes, mas que transmitem certa segurança por serem habituais.” (SOUZA, 2005, p. 132).

Outro ponto importante nessa teoria são os subsistemas familiares. Quando se fala em subsistemas familiares refere-se, de certa forma, a subgrupos que contêm algumas funções básicas que devem, necessariamente, ser cumpridas sem interferências. Por esse fato, cada integrante deve ter o conhecimento de sua função. Os subsistemas são: o conjugal, o parental e o fraternal (ROSSET, 2007).

O subsistema conjugal, que será tratado nesse artigo, é composto pelo casal e tem como funções básicas o refúgio para os estresses que ocorrem no cotidiano, ser a matriz para contatos com outros sistemas sociais e possibilitar o desenvolvimento da intimidade e sexualidade, etc. Esse subsistema tem como tarefa cumprir estas questões, sempre preservando a fronteira, onde os filhos, parentes e amigos não interfiram nesta relação (ROSSET, 2007).

Dessa forma, cabe ao terapeuta identificar a organização familiar quando está em interação para compreender como funciona a estrutura, as fronteiras e os subsistemas, para, então, formar um plano terapêutico e auxiliar as famílias a usarem os seus próprios recursos psicológicos para a resolução de problemas (GUIMARÃES; PESSINA, 2011).

O presente artigo se refere à terapia de casal que utiliza a abordagem sistêmica como embasamento. Nessa forma de terapia também se parte dos conhecimentos dos aspectos familiares envolvidos para contribuir de maneira efetiva no caso. Assim como na terapia familiar, quando a relação do casal está em crise, significa que há falhas nesse sistema, no qual os membros não estão conseguindo encontrar formas para lidar com a situação.

O ciúme, assim como outras situações que acometem os relacionamentos, demonstra que algo não vai bem naquela relação. Dessa forma, a terapia de casal surge como uma forma de contribuir para que essa situação seja investigada e, assim, o terapeuta consiga contribuir com o casal. Vale lembrar que o ciúme é um sentimento comum nas relações, mas quando ocorre demasiadamente é um sinal de alerta.

3 CIÚME E A RELAÇÃO CONJUGAL

Não é de hoje que o ato de sentir ciúmes por alguém está presente na sociedade. Há muito tempo esse sentimento acomete os indivíduos, sendo que todos, em algum momento, experienciaram ou experienciarão esse sentimento. O ciúme ocorre pelo medo que a pessoa sente de perder o objeto de desejo, sente-se ameaçado por outra pessoa e teme que esta o substitua. Almeida, Rodrigues e Silva (2008) em seus estudos falam em ciúme romântico, que é aquele que acontece nas relações amorosas. Trata-se de um sentimento de apreensão despertado no indivíduo e que está relacionado à possibilidade (real ou imaginária) de ser abandonado, rejeitado, menosprezado, bem como uma apreensão ou medo de que haja infidelidade.

De acordo com Ferreira-Santos (2003), todos sentem ciúmes de alguma maneira por algo ou alguém, e isso acontece em todas as fases do desenvolvimento humano, bem como em diversas formas de relacionamento. O ciúme é considerado universal e inato, e surge do desejo de exclusividade no amor de determinado indivíduo. Porém, esse sentimento deve ser de forma moderada para que não atrapalhe as relações.

No entanto, apesar de ser algo considerado comum nas relações amorosas, o ciúme, quando de forma excessiva e possessiva, pode ser considerado um risco para a relação e também para a saúde mental dos indivíduos envolvidos. Quando de forma patológica, pode desencadear brigas, discussões e, em casos mais graves, agressões e até a morte. Porém, nas relações em que o ciúme se apresenta de maneira “eventual e moderada”, ele desperta no parceiro um sentimento de segurança, pois se sente amado e valorizado (GUIMARÃES, 2012).

Embora o ciúme excessivo seja prejudicial à saúde da relação conjugal, a ausência dele também é sinal de alerta, uma vez que a falta desse sentimento pode ser um sinal de que a relação está desgastada e não há mais amor romântico envolvido, atribuindo à relação características fraternas (FERREIRA-SANTOS, 2003). Portanto, tanto o excesso de ciúme quanto a ausência dele são comportamentos que devem ser observados na terapia de casal para um melhor esclarecimento da relação conjugal do casal.

Segundo Almeida, Rodrigues e Silva (2008), o ciúme há tempos vem sendo estudado e embora haja várias pesquisas a seu respeito ainda não se chegou a uma conclusão de sua etiologia, ou seja, ainda não está claro de onde deriva esse sentimento e porque ele acomete o ser humano. Entretanto, alguns estudos apontam que o ciúme excessivo pode ser decorrente de uma infidelidade, ou seja, a pessoa “traída” acaba trazendo esse trauma para as seguintes relações.

Nessa mesma perspectiva, o ciúme pode estar relacionado também diretamente com a autoestima, que se refere ao sentimento de gostar de si mesmo. O que acontece em pessoas ciumentas é uma autoestima “rebaixada”, que acaba gerando insegurança em relação ao sentimento que o outro tem (ALMEIDA, 2007). Como alguém pode gostar de mim se nem eu mesmo gosto? Essa questão gera uma forte influência na hora de confiar no sentimento do parceiro. Assim, conforme a qualidade da autoestima do indivíduo, o ciúme na relação pode atingir níveis intoleráveis, mesmo que seja de forma momentânea, isto é, quanto mais baixa for a autoestima, mais intenso será o ciúme (FERREIRA-SANTOS, 2003).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo é um estudo de caso, com abordagem qualitativa, de um caso atendido em psicoterapia com base nos conhecimentos da abordagem sistêmica. O caso estudado é um casal (heterossexual) que buscou atendimento psicológico pelas brigas decorrentes do ciúme excessivo da parceira. Foram atendidos durante cinco meses, finalizando com 17 atendimentos.

A coleta dos dados foi mediante os 17 atendimentos realizados semanalmente com o casal. Para a análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo com base nos conceitos da Teoria Sistêmica para um melhor entendimento do caso.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para preservar a identidade do casal optou-se por utilizar Homem e Mulher como nomes fictícios. M (esposa) e H (esposo) possuem idade entre 20 e 30 anos. O encaminhamento foi realizado depois que as constantes brigas acabaram envolvendo a empresa onde um deles trabalha. O casal está casado há algum tempo, não possui filhos e desde então vive com brigas frequentes, com presença de agressão verbal e física.

Para a realização da análise de conteúdo optou-se por formular duas categorias, e seguiu-se a perspectiva de Bardin (2010). O ciúme é uma das categorias principais, e *insegurança*, *autoestima* e *visão distorcida do amor* são subcategorias. Optou-se por estes aspectos uma vez que as três subcategorias estão diretamente relacionadas às características principais dos indivíduos ciumentos. Já a segunda categoria para análise diz respeito ao ciúme na visão sistêmica, visto que os comportamentos são apreendidos no sistema em que se está inserido e um membro influencia o outro. Dessa maneira, essas duas categorias permitiram que os dados analisados alcançassem o objetivo do presente artigo.

5.1 O CIÚME

Muito se fala na literatura que o ciúme se relaciona diretamente com a *insegurança*. O indivíduo que sente ciúmes sente-se tão inseguro em relação a si próprio que vive com a sensação de que seu parceiro o trocará a qualquer momento. Essa insegurança acontece em razão de o sujeito ciumento apresentar como característica uma *autoestima rebaixada*. Dessa forma, pelo fato de o sujeito não se sentir bem consigo mesmo, ele acredita que seu parceiro possa encontrar alguém com melhores adjetivos, e em razão disso vive na angústia de que esse fato se concretize.

Essa situação pôde ser observada durante as sessões com o casal. M demonstrava não se sentir segura em relação a si quando alguma outra mulher estava por perto ou quando H estava ausente. Na sua infância M sofria *bullying* na escola por ser magra, o que, segundo ela, foi motivo para desistir de estudar. E na adolescência não se sentia satisfeita com sua aparência. Ainda hoje, diz que por vezes não se acha bonita, mas sempre procura cuidar de sua aparência e se considera vaidosa.

Almeida, Rodrigues e Silva (2008) relatam que a autoestima é de grande importância na construção da personalidade do indivíduo. Ela é responsável por alimentar a criatividade e a inventividade, além disso, faz o indivíduo olhar para si e “[...] orgulhar-se de seus empreendimentos, demonstrar suas emoções, respeitar-se, reconhecer os próprios talentos, investir em seus objetivos, promovendo um agir de maneira independente, com autonomia.” (ALMEIDA; RODRIGUES; SILVA, 2008, p. 77). Por esse fato, a autoestima torna-se importante para uma relação amorosa bem-sucedida. Não é por acaso que antes de amar alguém a pessoa tem que, acima de tudo, amar-se, pois como poderá

sentir-se amada se ela mesma não se ama? É por isso que quando se fala em ciúme a insegurança e a autoestima estão presentes, pois uma necessita da outra para existir.

Frequentemente M não permitia que H saísse de casa sem a presença dela. O ciúme era de forma tão excessiva que o casal acabou se isolando de amigos e da família, porém, para que uma relação seja funcional e saudável, a individualidade é essencial. No entanto, o que se observa no presente caso é que H aceitou fazer tudo que sua esposa desejava, abrindo mão de sua individualidade, o que contribuiu para a relação se tornar disfuncional. Por vezes, H relatava que não levava amigos em casa para evitar brigas, pois se estes compareciam com suas esposas, M sentia ciúme e já era motivo de discussões. As crises de ciúmes contribuíram também para que o casal não saísse mais de casa, pelo fato de M ficar cobrando se ele viu alguma mulher bonita e atraente. Essa relação disfuncional entre o casal contribuía ainda mais para a insegurança de M, pelo motivo de ela ter a sensação de que o casamento estava prestes a acabar.

A abordagem sistêmica contribui com esse assunto quando trata de complementaridade. Esse conceito diz respeito à reciprocidade, em que o comportamento de uma pessoa está ligado à outra, ou seja, significa que um influencia o outro. Por esse fato, se um parceiro muda, o relacionamento muda também (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007). Pôde-se observar esse aspecto na relação do presente casal. O ciúme de M fazia com que H não a levasse a lugar algum e contribuía para que o relacionamento se mantivesse disfuncional. Esse comportamento de H colaborava para que M se sentisse ainda mais insegura, contribuindo ainda mais com as cenas de ciúme. Dessa forma, um comportamento influencia na ocorrência do outro, e no caso de H e M, os comportamentos retroalimentavam-se.

Outro aspecto importante quando se aborda o tema ciúme é o que se classificou como uma subcategoria: a *visão distorcida do amor*. Esse fator entra em questão, uma vez que no senso comum se fala que ciúme é uma demonstração de amor. Essa informação não é totalmente falsa, visto que a ausência dele em uma relação amorosa também é sinal de alerta de que esta não vai bem. Todavia, o ciúme, quando de maneira demasiada, demonstra que o relacionamento necessita de cuidados.

Desse modo, o que acontece, muitas vezes, é que quando um dos parceiros não demonstra sentir ciúmes como o outro espera, acaba por contribuir para o sentimento de insegurança e, conseqüentemente, para o aumento da incidência do ciúme. Durante os atendimentos, M dizia que sentir ciúmes era uma demonstração de amor. Logo, ela esperava que seu parceiro sentisse ciúmes da mesma forma que ela, no entanto H estava tão ocupado em tentar não dar motivos para que sua esposa se sentisse enciumada que acabava não demonstrando ciúmes da forma que ela esperava. Porém, isso não significa que H não a ama, até porque esse sentimento era demonstrado de outras maneiras.

Com os dados até aqui apresentados torna-se evidente o quanto a insegurança, a autoestima e a visão distorcida do amor contribuem para a ocorrência do ciúme. Entretanto, é claro que não são somente essas características que favorecem os comportamentos do sujeito ciumento, são vários os fatores que influenciam na construção da personalidade do indivíduo. Nesse sentido, um dos fatores que contribuem para essa construção é o ambiente em que esse indivíduo nasceu, cresceu e teve seus primeiros aprendizados, como a família, por exemplo.

5.2 O CIÚME NA VISÃO SISTÊMICA

Compreende-se que a família é a primeira instituição pela qual o indivíduo passa. É nela que se aprende a comer, falar, a dar os primeiros passos e se relacionar com o meio e com outras pessoas. Groisman (2012) relata que a família é constituída pelo passado e pelo presente, em que os membros são “atravessados por uma cruz”. Na parte vertical encontram-se as vivências compartilhadas, o que foi transmitido pela geração que diz respeito aos tabus, segredos, mitos, ou seja, os valores e crenças da família. E a parte horizontal significa a história atual que está sendo construída. Assim, as relações que são estabelecidas com a família de origem são consideradas as mais importantes, pois servem como base para o comportamento do sujeito.

No casal em estudo, nota-se uma forte interferência das vivências familiares no relacionamento de ambos. M carrega consigo uma forte influência da relação conjugal de seus pais, a qual interfere diretamente na sua relação com H. A esposa teve como exemplo uma relação em que a presença do ciúme era e ainda é constante. Teve como modelo de esposa uma mulher com características de insegurança e autoestima rebaixada. Sua mãe demonstrava com frequência ciúmes excessivos de seu pai; dessa forma, os comportamentos ciumentos de M são muito similares aos comportamentos de sua mãe.

Durante a terapia, H conseguia perceber essa semelhança entre mãe e filha e relatava que o comportamento de sentir ciúmes das vizinhas e não sair de casa para não deixar o marido sozinho era demonstrado tanto por M quanto pela mãe. Apesar de ser algo evidente, M apresentava-se resistente a aceitar a colocação do esposo, porém, mesmo com essa dificuldade, aos poucos conseguiu compreender que a família exerce forte influência na sua relação conjugal.

Com frequência H relatou a sua insatisfação quando sua esposa frequentava a casa dos pais, pelo fato de ter a impressão de que M voltava “pior” para casa. Segundo ele, quando M fazia uma visita aos pais sua mãe comentava sobre as brigas e as desconfianças que tinha do seu esposo (pai de M), e isso contribuía para as brigas do casal. De fato, era evidente que os acontecimentos que a mãe lhe contava, referentes ao ciúme que sentia da vizinhança, colaboravam para que M desconfiasse ainda mais de seu esposo.

Ao investigar a história familiar do casal, constatou-se que tanto o pai de H quanto o pai de M agrediam fisicamente suas esposas. Essa afirmação torna mais explícito e concreto que a relação conjugal dos pais reflete na relação dos filhos. Além disso, o modelo de marido que cada um teve também interferiu no momento da escolha do parceiro.

Nesse contexto, muitos estudos foram realizados em torno da escolha do cônjuge, e Anton (2000) contribuiu de maneira efetiva para esse tema. De acordo com a autora, em muitos casos o parceiro escolhido constitui-se um verdadeiro símbolo, e a atração que ele exerce é consequência daquilo que ele representa para o sujeito que fez a escolha. Ele pode representar o pai ou a mãe, a proteção ou o abandono, a vida ou a morte, etc. Com isso, o valor simbólico do sujeito escolhido, bem como o motivo que o fez se tornar escolhido, dificilmente vêm à consciência, e até mesmo em psicoterapia sua descoberta é tarefa difícil.

Durante os atendimentos, algumas das intervenções foram no sentido de auxiliar o casal a perceber o que os mantinha juntos, ou seja, os motivos inconscientes pelos quais um escolheu o outro. Muito se avançou nesse sentido, já que o casal percebeu que realmente a relação conjugal dos pais tem certa semelhança e que os dois buscaram ter um parceiro para dar continuidade a essa relação.

Nessa perspectiva, em relação ao ciúme, nota-se que M buscou encontrar um parceiro que mantivesse esse sentimento de insegurança que gera o ciúme, visto que os comportamentos que o casal desempenha nessa relação contribuem para manter a homeostase da relação, ou seja, não permite que haja mudanças nesse sistema conjugal. Por meio da terapia observou-se que o ciúme de M era de forma tão intensa que ela não conseguia ter sua individualidade, assim como H. Com isso, não conseguia sair de casa para trabalhar, pois precisava estar em casa para cuidar do marido, que não trabalha na parte da tarde. O medo dela era que na ausência ocorresse a infidelidade.

Por mais que H relatasse o desejo de que M tivesse sua individualidade, quando ela tentava dar alguns passos para isso se concretizar, ele, inconscientemente, não permitia. Quando M iniciava uma nova amizade, H encontrava motivos para dizer que a pessoa não era boa amizade para sua esposa; argumentava que falava isso porque percebia que toda vez que M frequentava a casa dessa amiga, chegava em casa e provocava discussões. No entanto, por mais que as razões de H fossem claras, percebe-se que de maneira inconsciente ele desejava manter a homeostase da relação.

Nichols e Schwartz (2007) relatam que é comum ser resistente para não haver mudanças no sistema. Isso acontece pelo fato de os membros temerem o que pode acontecer se os conflitos forem extintos. Além do mais, aqui também entra em questão o fato de que esse casal necessita desses conflitos para seguir o seu padrão de relacionamento conjugal aprendido nas suas famílias de origem e darem continuidade a esse processo.

Um aspecto importante que deve ser sempre considerado é a responsabilidade de cada um na relação. Isso vale também quando se trata de brigas, em que cada um contribuiu para a ocorrência desse conflito. Osório e Valle (2009) relatam que as relações são como sociedades, pois cada parceiro é responsável por sua parte. Essa colocação é observada na situação exposta anteriormente. Por mais que H tivesse o desejo de que sua esposa tivesse amizades, bem como realizasse outras atividades, como trabalhar, ele, de maneira inconsciente, boicotava a concretização desse acontecimento. Essa situação evidencia a responsabilidade de cada um na ocorrência das brigas, bem como na resistência em haver mudanças nesse sistema.

Osório e Valle (2009) expõem que os indivíduos que não reconhecem sua responsabilidade nas situações tendem a culpabilizar o outro, o que contribui para a relação se tornar mais problemática, e quando isso é identificado é sinal de uma disfuncionalidade na relação conjugal. Por esse fato, em terapia sempre se buscou que o casal observasse a sua contribuição nas situações que geralmente ocasionavam discussão, uma vez que M sempre buscava culpar o esposo e se colocar na posição de vítima.

Com os dados aqui apresentados demonstrou-se que a relação conjugal dos filhos sofre grande interferência da relação dos pais. É como se o padrão de relacionamento se repetisse, visto que é a partir da relação dos pais que os filhos têm seus modelos de marido e mulher e, por fim, de casamento. E na terapia de casal faz-se necessário o conhecimento de como é ou era a relação conjugal das famílias de origem, para permitir que a relação do presente casal seja compreendida e, assim, auxiliar na melhora do relacionamento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os dados aqui apresentados e analisados, foi possível um melhor entendimento sobre o sentimento de ciúme, um fenômeno que é algo que todos um dia sentiram ou sentirão por alguém em determinada circunstância. Entretanto, quando isso é motivo para brigas e conflitos e, conseqüentemente, contribui para uma relação disfuncional, deve ser considerado para que haja o entendimento da sua função nessa relação.

Para a abordagem sistêmica quando o relacionamento amoroso está em crise, um dos itens que devem ser investigados é a relação conjugal dos pais de cada parceiro, para verificar uma possível influência, bem como quais foram os exemplos de marido e mulher que o casal teve, uma vez que é a partir desse exemplo que os indivíduos aprendem se relacionar amorosamente com alguém. Para além disso, é importante trazer à tona o que contribui para a homeostase da relação com o intuito de acarretar mudanças nesse sentido.

Os dados analisados também possibilitaram observar que o sistema familiar contribui para a construção de características individuais como insegurança e baixa autoestima e, por conseguinte, o modelo de demonstração de afeto pelo outro.

Portanto, o presente artigo colabora com a relevância da terapia de casal à vida conjugal, buscando, por meio dessa prática, uma melhora na qualidade de casamentos que muitos acreditam não “ter jeito”, e ressaltando a importância de expor ao casal que uma relação se constitui em conjunto e que se algo vai mal é por contribuição de ambos.

Por fim, aos poucos o casal conseguiu compreender a responsabilidade de cada um na relação, e com isso as brigas começaram a diminuir, e quando, por algum motivo, elas retornavam, ambos conseguiam encontrar formas para lidar com as situações conflituosas. Ao final dos atendimentos, M e H já estavam lidando com a questão do ciúme com bom humor e tranquilidade, o que contribuiu para a qualidade da relação melhorar.

Understanding jealousy in marital relationship: a systemic look

Abstract

This article aimed at understanding jealousy in marital relationship through a case study based on the Systemic Theory. This approach affirms that the system in which the individual is inserted influences on its members' behavior. Therefore, family is a system in which members are influenced mutually. Data for the analysis were collected through 17 attendances with the couple. The main complaint mentioned by one couple was the wife's excessive jealousy that was contributing to an arguable relationship. Data were analyzed by using content analysis based on the systematic approach's concepts. The analysis enabled a better understanding of the conflict faced by the couple influenced by jealousy, also enabling the comprehension of family interference in this context.

Keywords: Systemic approach. Marital relationship. Jealousy.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. **O ciúme e suas conseqüências para os relacionamentos amorosos**. Curitiba: Certa, 2007. Disponível em: <http://www.thiagodealmeida.com.br/site/files/livros/ciume_e_suas_consequencias_para_os_relacionamentos_amorosos.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2015.

ALMEIDA, T.; RODRIGUES, K. R. B.; SILVA, A. A. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. **Estudos de Psicologia**, v. 13, n. 1, p. 83-90, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n1/10.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

- ANTON, I. L. C. **A escolha do cônjuge**: um entendimento sistêmico e psicodinâmico. 1. reimpr. rev. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- FERREIRA-SANTOS, E. **Ciúme**: o medo da perda. São Paulo: Claridade, 2003.
- GROISMAN, M. **A Família é Deus**: descubra como sua família define quem você é. Rio de Janeiro: Eldorado: Núcleo-Pesquisas, 2012.
- GUIMARÃES, F. L.; PESSINA, L. M. Quem, o quê, quando e como? Manejando o contexto terapêutico na prática sistêmica. In: OSORIO, L. C.; VALLE, M. E. P. do. (Org.). **Manual de Terapia Familiar**: volume II. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- GUIMARÃES, L. D. **O Ciúme e Suas Influências na Relação de Casais Heterossexuais em uma Perspectiva Analítica**. 2012. Disponível em: <<https://psicologado.com/abordagens/psicologia-analitica/o-ciume-e-suas-influencias-na-relacao-de-casais-heterossexuais-em-uma-perspectiva-analitica>>. Acesso em: 14 nov. 2015.
- KROM, M. **Família e mitos**: prevenção e terapia: resgatando histórias. São Paulo: Summus, 2000.
- NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. **Terapia Familiar**: conceitos e métodos. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- OSORIO, L. C.; VALLE, M. E. P. (Org.). **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- OSORIO, L. C.; VALLE, M. E. P. (Org.). **Manual de Terapia Familiar**: volume II. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- ROSSET, S. M. **Pais e filhos**: uma relação delicada. Curitiba: Sol, 2007.
- SOUZA, N. H. S. A Família em terapia. In: MACEDO, M. M. K.; CARRASCO, L. K. **(Con)textos de entrevistas**: olhas diversos sobre a interação humana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

